

IMAGENS DE BIBLIOTECAS: SÃO ELAS ESPAÇOS DE MEDIÇÃO CULTURAL E DE EXPERIÊNCIA?¹

IMAGES OF LIBRARIES: ARE THEY SPACES FOR CULTURAL MEDIATION AND EXPERIENCE?

IMÁGENES DE BIBLIOTECAS: ¿SON ELLAS ESPACIOS DE MEDIACIÓN CULTURAL Y EXPERIENCIA?

Elaine Cristina da Silva Martins²
Adair de Aguiar Neitzel³
Mônica Zewe Uriarte⁴
Anne Kupiec⁵

Resumo

O objetivo deste artigo foi problematizar as imagens das bibliotecas, de modo a identificar como elas repercutem nos(as) usuários(as) e se elas se caracterizam como espaços de mediação cultural e de experiência. O estudo foi de caráter qualitativo e de natureza narrativa, construído a partir de vivências das pesquisadoras em duas bibliotecas de Paris: Biblioteca *Sainte-Geneviève* e a Biblioteca Pública de Informação Centro *Pompidou* (*Bpi*). Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: observação *in loco* e diário de campo analisado segundo a perspectiva da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), fundamentada em Hernández (2013). O aporte teórico principal que sustentou essa discussão foi Bachelard (1993), Failla (2015), Manguel (2006), Milanesi (2003) e Sandoz (2010), entre outros(as). Como resultados, sinalizam-se os principais fatores que geram a repercussão de imagens nos(as) usuários(as): a mediação cultural; a experiência; a organização física do espaço e os objetos propositores que o compõem; as ações culturais e de acolhimento; e as possibilidades de movimentação que a biblioteca oportuniza no seu interior.

Palavras-chave: Bibliotecas; mediação cultural; espaços propositores; objetos propositores.

¹ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Coordenadora da Educação Básica na Secretaria de Educação de Itajaí, Santa Catarina. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9353-7621>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8057519766940849>. E-mail: elainemartinsitj@hotmail.com.

³ Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Pós-Graduação em Educação da UNIVALI. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Escola e Educação Criadora. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0096-5892>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2188280650985303>. E-mail: neitzel@univali.br.

⁴ Doutora em Educação pela UNIVALI. Professora da Pós-Graduação em Educação da UNIVALI. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8224-7354>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3433390364502827>. E-mail: uriarte@univali.br.

⁵ Doutora em Sociologia. Professora da Faculdade *Sociétés et Humanités, Laboratoire de Changement Social et Politique* – LCSP, Paris VII-Diderot, França. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7867-0632>. E-mail: anne.kupiec@u-paris.fr.

Abstract

The aim of this paper was to discuss the images of libraries in order to identify how they impact users, if they are characterized as spaces for cultural mediation and experience. The study was of a qualitative character and narrative nature, built from the experiences of the researchers in two libraries in Paris: Library *Sainte-Geneviève* and the Public Information Library at the Center *Pompidou* (Bpi). The instruments of data collection used were: on-site observation and field diary analyzed according to the perspective of the Arts-Based Educational Research (BERA), drawing from Hernández (2013). The main theoretical contribution that underpins this discussion is Milanesi (2003), Failla (2015), Bachelard (1993), Sandoz (2010), Manguel (2006), among others. As results, it is pointed out that several factors generate the repercussion of images in users: cultural mediation; experience; physical organization of the space and the proposing objects that compose it; cultural and welcoming actions; and possibilities of movement that the library allows within.

Keywords: Libraries; cultural mediation; propositional spaces; propositional objects.

Resumen

El objetivo de este artículo fue problematizar las imágenes de las bibliotecas, de modo a identificar cómo repercuten en los usuarios, si ellas se caracterizan como espacios de mediación cultural y de experiencia. Este estudio es de carácter cualitativo y de naturaleza narrativa, construido a partir de vivencias de las investigadoras en dos bibliotecas de París: la Biblioteca *Sainte-Geneviève* y el Centro de Información Pública Centro *Pompidou* (Bpi). Los instrumentos de recolección de datos fueron: observación *in loco* y diario de campo analizado según la perspectiva de la Investigación Educativa Basada en Arte (PEBA), con base en Hernández (2013). El principal aporte teórico para esta discusión es Milanesi (2003), Failla (2015), Bachelard (1993), Sandoz (2010), Manguel (2006), entre otros. Como resultado, se señalan los principales factores que generan la repercusión de imágenes en los usuarios: la mediación cultural, la experiencia, la organización física del espacio y los objetos proponentes que lo componen, las acciones culturales y de acogida y las posibilidades de movimiento que la biblioteca ofrece en su interior.

Palabras clave: Bibliotecas; mediación cultural; espacios proponentes; objetos proponentes.

Introdução

A floresta dos livros, em vez de ser desbastada, parecia ficar cada vez mais emaranhada e insidiosa. [...]. Com seu passo silencioso dentro das pantufas felpudas, o velho bibliotecário vinha se aproximando dele. – E isso não é nada – dizia –, leia aqui, ainda sobre os romanos, o que está escrito, também se poderá pôr isso no relatório, e isso, e mais isso – e lhe submetia uma pilha de volumes. O tenente começava a folhear os livros, coçava a testa, resmungando: a – Santo Deus! Mas quanta coisa a gente aprende! Quem diria! (Calvino, 2010, p. 69).

Calvino (2010, p. 69) traz à baila a imagem da biblioteca como espaço de mediação cultural ao apresentar-nos uma experiência de um grupo de militares que tinha por missão desvelar as obras divergentes ao prestígio da ordem militar. Essa biblioteca com grande quantidade de livros modernos e antigos, nacionais e estrangeiros, foi descrita por Calvino como uma densa floresta que, ao longo do conto *Um general na biblioteca*, vemos crescer. Nessa floresta de livros – percebida por muitos(as) como lugar sem movimento, do silêncio, do consumo tranquilo de obras –, um universo rumoroso forja-se entre os livros e os(as) leitores(as), uma biblioteca movente por meio

da mediação cultural possibilitada pelo velho bibliotecário, calçado em suas pantufas felpudas, que vai nutrindo os militares da Pandúria e provocando descobertas.

Esse conto de Calvino convida-nos a refletir sobre este espaço público e social que são as bibliotecas, espaço que foi afetado pelo distanciamento social imposto pela COVID-19. Ao longo dos anos, a biblioteca vem se reinventando, passando de repositório de livros destinados a um grupo de leitores(as) específicos(as) a um espaço de convivência, de mediação cultural. Segundo Tanus e Sánchez-Tarragó (2020): “De centros de guarda e custódia de textos clássicos, restritos a eruditos, as bibliotecas universitárias têm se tornado em centros de convívio democrático, de inclusão, de interação, de troca de informações, seja em seus espaços físicos ou virtuais” (p. 4).

A partir de 2020, esses espaços públicos de mediação cultural tiveram suas portas fechadas e principalmente as bibliotecas universitárias enfrentaram desafios para manter algumas atividades essenciais, na maioria das vezes, na modalidade não presencial, que desse suporte ao ensino a distância. A pesquisa de Tanus e Sánchez-Tarragó (2020) revelou que esses serviços se concentraram no atendimento de dúvidas e de solicitações por *e-mail*, acesso a repositórios e bases de dados *online*, fichas catalográficas para trabalhos de conclusão de curso, divulgação/promoção em redes sociais, entre outros.

A não possibilidade de frequentar as escolas e as bibliotecas trouxe à tona muitas das fragilidades do sistema social brasileiro, pois estudantes deixaram de ter acesso ao material didático básico. Tendo em vista essa crise que se instituiu por conta da falta de acesso de uma grande parte da população a esses serviços digitais, queremos, neste artigo, propor reflexões acerca da importância desses espaços físicos não formais, como as bibliotecas, para o convívio social, focando nossas análises nas imagens que elas repercutem nos(as) usuários(as). Nosso intuito é de evidenciar a necessidade de pensarmos não apenas em mudanças de ampliação do acervo e de serviços digitais como aponta a pesquisa de Tanus e Sánchez-Tarragó (2020), após pandemia, quando houver a reabertura ao público, mas de colocarmos, também, os holofotes para a importância de garantirmos que a biblioteca continue sendo – com os devidos cuidados para a saúde – espaço de convivência e de mediação cultural.

Kupiec, Neitzel e Carvalho (2016) problematizam a mediação cultural nos espaços educativos formais e não formais e observam que objetos e espaços propositores também medeiam os(as) usuários(as). Nem sempre há a necessidade de a mediação dar-se por intermédio de um sujeito mediador – a tecnologia ou um objeto (como um quadro, um livro, uma música) promovem a mediação, pois ela se dá também na relação do sujeito com o objeto. No que diz respeito aos espaços, as pesquisadoras identificaram que eles interferem na relação que travamos com o mundo porque podem ser mais ou menos estéticos, mais ou menos propícios a trocas.

Sandoz (2010), ao problematizar sobre a mediação cultural nas bibliotecas, percebe-a como missão essencial e sugere uma mediação não só vertical, mas também horizontal, cotidiana e participativa, uma vez que coloca o(a) bibliotecário(a) como um(a) agente responsável por ela. Retomamos, assim, o conto de Calvino, cuja epígrafe iniciou este artigo, pois ele nos leva a Crispino, o bibliotecário, que oferecia aos militares conselhos: “E isto não é nada, leia aqui, ainda sobre os romanos, o que está escrito, também se poderá por isso no relatório, e isso e mais isso – e lhe submetia uma pilha de volumes” (Calvino, 2010, p. 76). Por meio dele, das mãos de um bibliotecário mediador, foi provocado um deslocamento nos militares que passaram a ler uns para os outros, colocaram-se em debate e reflexão e estabeleceram um movimento de câmbio e de intercâmbio. Ao aproximar-se a data de finalizarem a investigação na biblioteca, o general buscou motivos para ali continuar. Afetado com os livros introduzidos por Crispino, ele renunciou seus saberes para encarnar-se de outros. A imagem que possuía das bibliotecas mudou.

Gomes (2020, p. 2) enfatiza que a ação mediadora para ser efetiva necessita observar as dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política. Para a pesquisadora, uma mediação que observa essas dimensões

[...] contribui para o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social, assegurando que o acesso, uso e a apropriação da informação ocorram em parâmetros democráticos, se fazendo em experiência de um encontro com a informação capaz de fortalecer as lutas por inclusão e justiça social (p. 2).

Considerar essas dimensões quando falamos da missão das bibliotecas é pertinente, porque não podemos pensar na informação como algo que se estabelece fora

das relações sociais, mas como algo que é “resultante do compartilhamento do conhecimento e saberes”, como assinala Gomes (2020, p. 4), ação que se dá na experiência. Para Heidegger (2003), a experiência não se transmite, mas é algo que nos atravessa, nos atropela, nos acontece. Ela é o próprio caminho percorrido e, por isso, não está fora de nós, nos instrumentos e nos números, o que os leva a afirmar que não é possível ter uma experiência, mas fazê-la. Fazer uma experiência, segundo Heidegger (2003), é deixar-se tocar é “atravessar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro” (p. 121) e, por meio dela, modificamo-nos, transformamo-nos. A experiência é percebida como um encontro que nos atravessa.

Gostaríamos de discutir a biblioteca como um espaço que gera imagens produtivas, que oportuniza experiências por meio da mediação cultural que se manifesta no jogo proposto pelo(a) mediador(a) e bibliotecário(a), pelos objetos, pelos espaços físicos e pelas ações propositoras. Evidentemente que não estamos ignorando que, no período pós pandemia, há de observarmos os cuidados necessários para que a mediação cultural aconteça. Entendemos que é fundamental, no entanto, trazermos esta discussão porque, neste momento, todas as atenções estão para a implementação de melhorias nas bibliotecas digitais, nos serviços *online*, e, assim, não podemos nos esquivar de acentuar a importância da habitação do espaço físico das bibliotecas, pois esse habitar promove imagens que podem nos acompanhar e mudar destinos.

Na década de 1990, houve um efervescente movimento das bibliotecas digitais, evidenciando-se essa nova realidade informacional e a necessidade de se desenvolver produtos e serviços que disponibilizassem informações ao público, o que garantiu, em plena pandemia, o acesso de milhões de pessoas aos seus serviços. Cabrera Fagundo (2015, p. 366-367) enfatiza vários aspectos das bibliotecas digitais que potencializam sua necessidade e importância, entre eles a disponibilização de documentos exclusivos para milhões de usuários, que de outra forma seriam inacessíveis devido à degradação sofrida pelos materiais devido ao uso. Além disso, a autora ressalta que elas preservam em ambiente não degradável o conhecimento gerado que pode ser recuperado por meio de buscas simples e eficientes, assim como permitem o crescimento de coleções sem demanda de espaço físico para armazenamento ou serviços. Além disso, possibilitam

acesso uniforme de qualquer ponto da rede sem deslocamento para a biblioteca e equidade no acesso às informações (p. 367).

A pesquisa de Medeiros e Lucas (2016) aponta como bibliotecas nacionais da América Latina implementaram serviços digitais, sinalizando que, no Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional fomenta capital social por meio do apoio de “ideias democráticas, oferecendo informação sem custo para todos os cidadãos, promovendo a alfabetização digital e criando uma cidadania informada, facilitando o diálogo local e criando Capital Social exclusivo, através de um ambiente virtual inclusivo” (p. 2012). Apesar de todo o esforço das bibliotecas digitais em disponibilizar o acesso democrático à informação, pesquisas como a de Fushimi, Pené, Unzurrunzaga e Sanllorenti (2020) sinalizam o baixo interesse pelos repositórios acadêmicos das bibliotecas universitárias argentinas, tendo em vista que eles concorrem com as revistas acadêmicas onde os(as) pesquisadores(as) preferem publicar. Essa constatação evidencia que também as bibliotecas digitais necessitam de uma avaliação e de um redesenho constante, assim como há de considerarem-se os hábitos de difusão e de publicação da comunidade científica. Com a pandemia, estimamos que houve uma mudança na crise de hábitos de consumo, mas não encontramos pesquisas que sinalizassem essa mudança.

As investigações que vimos desenvolvendo sobre as bibliotecas apontam que ambos os espaços, físico e digital, se complementam na oferta de serviços, e que as bibliotecas físicas, por sustentarem sua mediação nas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política, como aponta Gomes (2020), são espaços de convivência tão essenciais quanto as bibliotecas digitais. Milanesi (2003), quando discute a importância conferida à biblioteca e às mudanças pelas quais ela vem passando, aponta que, para além da guarda, da conservação e da preservação, a biblioteca passa, na atualidade, a ser pensada como instituição que tende a promover a cultura, que pode contribuir para informar, discutir e criar, assumindo ares de um centro cultural.

A biblioteca assim pensada é denominada por Milanesi (2003) como “casa da invenção”, porque abre possibilidades, alarga a sua geometria e expande o espaço vivido. Ela se situa na intersecção da informação, da discussão, da invenção e da ação cultural, discussão que avança para a revitalização de seus espaços organizados esteticamente, um “espaço polivalente onde as pessoas encontram as possibilidades de

pensar e de se expressar com a liberdade possível” (p. 214). Por isso, a necessidade de pensarmos a manutenção das bibliotecas físicas como espaços culturais que nos incentivam à experiência, a biblioteca como a “casa da invenção”, da qual nos fala Milanesi (2003), um espaço instigante para a nutrição estética. Manguel (2006), Eco (2016) e Roubaud (2012) provocam-nos com relatos acerca de suas experiências nas bibliotecas, as quais podem nos inspirar e expandir nossa proposição acerca da repercussão que a imagem das bibliotecas pode oferecer.

Manguel (2006) narra na crônica *A biblioteca à noite* sua investigação acerca do lugar dos livros e das bibliotecas na cultura humana. O autor descreve as marcas que foram forjadas nas mais diversas bibliotecas do mundo, das mais antigas às contemporâneas. Entre o silêncio e as conversas com seus(suas) amigos(as), cria-se um espaço imaginante entre o texto e o(a) leitor(a). Assim, biblioteca é percebida como um espaço aconchegante, que convida a ler, a viver; que combina “a ambição vertical de Babel à cobiça horizontal de Alexandria” (p. 43) – um espaço para a experiência. Manguel (2006) fala-nos da experiência como conhecimento (experiência pensante) que se faz na relação leitor(a) e obra, experiência que marca o ser do(a) leitor(a) e que, portanto, não é o que acontece, mas o que lhe acontece.

Roubaud (2012) conta-nos, com vivacidade, sua produtiva e curiosa vivência em bibliotecas, e em sua narrativa percebemos que a biblioteca é lembrada como imagem viva, lugar de experiência. O autor vive a biblioteca, respira seu odor, explicita como sua história pessoal e profissional cruza-se com a história das bibliotecas que ele frequentou, entre os livros que leu, bem como com as pessoas e os(as) bibliotecários(as) que influenciaram essa experiência. Roubaud (2012) narra que a aventura que passou pelas bibliotecas foi construída na relação que estabeleceu com os espaços que o acolheram, os(as) bibliotecários(as) que o atenderam, os serviços que agilizaram o seu acesso ao livro, as descobertas inesperadas e afortunadas que lhe possibilitaram experiências de leitura.

Eco (2016), após percorrer várias bibliotecas, evoca um modelo negativo de biblioteca, diferente daquela que comumente ouvimos falar, uma biblioteca alegre, ativa, com atividades diversificadas, que convida à leitura, que dá acesso aos livros por meio dos espaços abertos para transitar entre as estantes e que permite que o(a)

usuário(a) os toque, empreste-os, estabelecendo uma relação amorosa com eles, uma biblioteca que ative a cobiça do(a) usuário(a) a frequentá-la e a explorar a sua potência cultural. Podemos entender seu livro como uma crítica às bibliotecas que ainda se distanciam dos(as) usuários(as) pelo excesso de regras que tiram sua liberdade de convivência com os livros (por nem sempre estarem acessíveis ao(à) leitor(a)) e com os pares. Eco (2016) deseja uma biblioteca multiforme e infinita, cuja mediação cultural amplie suas possibilidades de encontros.

Essas imagens que Manguel, Roubaud e Eco colheram das bibliotecas que frequentaram nos auxiliaram em nossa investigação sobre as bibliotecas brasileiras e francesas. Vimos observando como se constrói a relação entre o público e as bibliotecas por meio da oferta de seus serviços, mas principalmente pelas interações, pelas mediações que elas promovem, entendendo, como já dissemos no início, que essas interações também são possibilitadas por objetos e espaços propositores, ressaltando assim a necessidade desses espaços, no período pós pandemia, serem reabertos porque eles oportunizam a experiência. Neste artigo, discorreremos sobre nossas percepções de duas bibliotecas visitadas por nós, de modo a discutirmos as imagens que delas construímos e se elas são espaços de mediação cultural e de experiência, colocando-nos como sujeitos da experiência.

Metodologia

Esta é uma pesquisa qualitativa cujo objeto de experiência foram duas bibliotecas francesas: Biblioteca *Sainte-Geneviève* e Biblioteca Pública de Informação do Centro *Pompidou* (*Bpi*), ambas localizadas em Paris, França. Em nossa pesquisa, selecionamos quatro bibliotecas para analisar, porém, neste artigo, trazemos apenas os resultados de duas delas. A escolha por essas bibliotecas deu-se tendo em vista as indicações de Roubaud (2012) e a missão das bibliotecas. A ideia de percorrer as bibliotecas e habitá-las visou problematizar as imagens das bibliotecas, de modo a identificarmos como elas repercutem nos(as) usuários(as) e se elas se caracterizam como espaços de mediação cultural e de experiência.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: observação *in loco*, notas de campo analisadas segundo a perspectiva da Pesquisa Educacional Baseada em Arte

(PEBA), fundamentada em Dias (2013), Hernández (2013) e Irwin (2013), e as programações culturais das bibliotecas disponíveis em seus *sites* ou em seus *folders*. Notas de campo dizem respeito às percepções e às impressões que envolvem a fala e as/os demais ações/comportamentos das pessoas envolvidas no evento. A partir de nossas vivências nas bibliotecas, por meio das notas de campo feitas de forma contínua e sistemática durante quatro meses, buscamos evidenciar como ocorria a mediação cultural por meio dos(as) bibliotecários(as) e funcionários(as), pelos objetos, pelos espaços propositores e pelas atividades culturais.

Resultados: tecendo significações no interior das bibliotecas

Pesquisas como as de Borba (2016) evidenciam como bibliotecas públicas e universitárias no sul do Brasil repercutem nos(as) usuários(as) quando elas são espaços de mediação cultural, de encontros, de afetos e de oportunidades. Além disso, enfatizam a importância dos espaços esteticamente organizados, assim como a função dos(das) profissionais que lá trabalham como mediadores(as) culturais. O estudo de Nunes e Santos (2020) aponta as possibilidades da biblioteca escolar por meio da mediação de leitura e destaca questões relacionadas à organização do espaço e da atuação do bibliotecário. Já Hasper e Neitzel (2020) voltam-se, também, à biblioteca escolar – na Educação Infantil, denominada “bebeteca” – e defendem o direito da criança pequena de educar-se em uma ambiência de leitura, em um espaço esteticamente organizado para acolher o(a) futuro(a) leitor(a), o que pode repercutir em imagens positivas que impactarão na sua formação leitora.

Esses estudos somam-se às pesquisas sobre as bibliotecas parques na América Latina, em especial no Rio de Janeiro (Brasil), e em Medellin (Colômbia), as quais exploram um novo conceito de promoção do acesso à leitura e de formação de leitores. Sobre esse assunto, citamos a pesquisa de Silva e Olinto (2015, p. 204) que apontam as bibliotecas parques como estruturas que

[...] se caracterizan por presentar una arquitectura exuberante, por pretender la acogida y el confort del usuario, por buscar una integración entre actividades de entretenimiento y cultura, por la disponibilidad de equipamientos con TIC de alto nivel – como computadoras, televisores y DVD – y, sobre todo, por buscar su apropiación por la comunidad local (p. 204).

Como podemos observar, há pesquisas no Brasil e nos demais países da América Latina sobre as funções das bibliotecas, as quais agregam a elas novas possibilidades de atuação junto ao público. A partir desses estudos, tendo em vista a cooperação internacional entre uma universidade da França e uma universidade do sul do Brasil, passamos a investigar as bibliotecas francesas com o objetivo de problematizar as imagens que essas bibliotecas forjam nos(as) usuários(as), de modo a identificarmos como elas repercutem e se elas se caracterizam como espaços de mediação cultural e de experiência.

A Biblioteca *Sainte-Geneviève*

A Biblioteca *Sainte-Geneviève* está situada no 5º *arrondissement*, no *Quartier Latin*, ao lado do *Panthéon*, nas proximidades da *Sorbonne*, da Igreja *Saint-Étienne-du-Mont* e da Prefeitura do 5º, no entorno de monumentos e edifícios de um dos centros políticos e culturais mais frequentados de Paris, França. É uma biblioteca interuniversitária (Universidades Paris 1, 2, 3, 4 e 7) e pública, disponível a todos(as) os(as) cidadãos(ãs) parisienses. Para atingir um maior número de usuários(as), mantinha-se, antes da pandemia, aberta à noite, aos sábados e em alguns feriados. Herdeira das coleções da antiga Abadia de *Sainte-Geneviève*, a biblioteca mantém, entre suas missões, a preservação, a organização e o enriquecimento de seu acervo em todas as áreas do conhecimento.

Essa é uma das bibliotecas pela qual Roubaud (2012) revela que sua imagem repercute em seu ser, pois por ela manteve uma relação de leitor apaixonado; ela faz parte de sua coleção de bibliotecas frequentadas durante sua juventude. O primeiro contato do(a) usuário(a) dá-se com seu exterior, com suas imponentes paredes de pedra e com uma lista de 810 nomes de intelectuais gravados no alto do prédio. Qual a relação que o exterior promove com o interior? As fachadas são pontos que comunicam e também produzem imagens, pois há um texto subliminar nos seus elementos, os quais podem contribuir para que a imagem do lugar seja construída, perpetuada e usada como referência. Bachelard (1993) convida-nos a pensar como os espaços e os objetos propositores provocam nossa imaginação, como suas ressonâncias e repercussões geram

imagens que reverberam em nosso ser. A inscrição desses nomes na sua fachada externa aguça nosso imaginário.

Para Coelho Neto (1997), a arquitetura, apesar de fingir possuir imobilidade, é um espaço dinâmico porque nos influencia, nos provoca, e o eixo exterior pode nos alçar ao interior, e, nesse sentido, a fachada externa comunica. É por meio dela que adentramos na Biblioteca *Sainte-Geneviève* para conhecer seu interior. Na porta de entrada, vislumbramos o seu *hall* de entrada, um instigante espaço de acolhimento, que nos leva ao *hall* central e ao gabinete de curiosidades. Para além de livros raros, há muitas outras preciosidades como obras de artes visuais, objetos etnográficos trazidos de viagens de exploração, objetos dispostos em gavetas escancaradas, cantos iluminados, cofres abertos e expostos – um espaço que nos convida à observação e à apreciação, objetos que disparam nossa imaginação produzindo sentimentos diversos atrelados à história, à política, à filosofia, à ciência, à arte etc.

Bachelard (1993) explora a imagem das coisas, das gavetas, dos cofres, dos ninhos, das conchas, dos armários, da casa, entre outros, e reflete sobre as imagens multiformes do espaço vivido, sentido, que repercutem em nós e, por isso, tornam-se espaços de habitar. Queremos expandir essa ideia para a biblioteca, queremos habitá-la. Esses objetos propositores tendem a provocar um movimento de mediação cultural. Nele não há mediação humana, são os próprios objetos que medeiam, dispostos em uma sala pequena na biblioteca. Os mais diversos objetos convidam usuários(as) à observação e à apreciação.

Munido(a) de uma carteirinha de acesso, para que o(a) usuário(a) chegue à sala de leitura, é preciso subir as escadarias que são permeadas por obras de arte, bustos dos fundadores da biblioteca – Cardinal de La Rochefoucauld e Henri Labrousse – esculpidos por Raymond Barthélemy (1878) e Eugène Guillaume (1881), respectivamente – além da pintura renascentista “Escola de Atenas de Rafael”. Essa composição artística do *hall*, somada à luminosidade, atribui à biblioteca um ambiente cultural e sensível pela via da contemplação, o qual amplia o desejo do(a) usuário(a) de estabelecer-se no local.

Ao adentrarmos a sala de leitura e de pesquisa, impressionamo-nos com a luz natural advinda das grandes janelas e da claraboia no teto, assim como pela disposição

dos livros em dois andares de estantes que circulam todo o espaço retangular da sala de leitura – um projeto arquitetônico de Labrouste que impressiona pelos grandes arcos de ferro modelados para a ornamentação do teto. É uma biblioteca esteticamente atraente, um lugar provocador de sensações, que desloca o(a) usuário(a) dos padrões funcionais atribuídos, comumente, a uma biblioteca universitária.

A sala de leitura e pesquisa é um espaço reservado, seu acesso é feito por uma catraca que controla a entrada e a saída dos(as) usuários(as). Os espaços da biblioteca não estão integrados ou conectados, eles possuem portas ou paredes separando-os, limitando-os, apesar de computadores e *internet* estarem disponíveis e ampliarem a capacidade de oferta de material de pesquisa. Ela é constituída por salas que encerram departamentos, muitos deles fechados à circulação do usuário, ou com restrições aos espaços de guarda e de preservação. Essa estrutura física revela a concepção de que a biblioteca é lugar para a leitura silenciosa e pesquisa, por isso se faz necessário uma divisão do espaço interior. Sua sala de leitura não comporta trabalhos em grupos, limitando, de certa forma, a convivência.

Para Failla (2015), uma biblioteca com uma arquitetura conectada, com vários espaços integrados, agrega os(as) mais diversos(as) usuários(as) em atividades diferentes de forma simultânea. Um espaço compósito que reúne leitores(as) concorre para que alguns(mas) flanem pelas estantes; que outros(as) façam suas leituras e pesquisas, acomodados(as) em cadeiras e apoiados(as) em mesas confortáveis; que outros(as) sentados(as) nas almofadas façam suas leituras em seus aparelhos portáteis, por exemplo, pois “a biblioteca não é apenas um vasto continente de livros que resguardam a memória de uma sociedade; ela é o lugar vivo, de passagem e de convivência” (Neitzel, Carvalho, Borba, Martins, & Silva, 2016, p. 76). No entanto, o silêncio do espaço de leitura e pesquisa anuncia que a proposta da biblioteca *Sainte-Genève* privilegia a entrega ao livro e à leitura silenciosa, e suas atividades tendem a informar, preservar e ampliar o acervo.

Eco (2016), ao desejar uma biblioteca invertida, discute que o acesso do(a) usuário(a) às estantes de livros atinja sua cobiça por descobertas próprias sobre obras cujo interesse brotariam no contato direto com elas. Uma obra levaria a outra, uma estante seria o degrau para outra, e esse movimento de colocar as obras em contato

direto com o(a) leitor(a) permitiria que se estabelecesse uma relação direta com as obras, as quais seriam suas interlocutoras, uma biblioteca potencialmente aberta que o(a) atraísse e o(a) envolvesse. Ao adentrarmos o espaço de leitura e pesquisa da biblioteca *Sainte-Geneviève*, esse desejo cresce, pois grande parte dos livros deve ser solicitada ao(à) bibliotecário(a). O(A) usuário(a) tem acesso livre a poucas prateleiras, apesar de poder pegar emprestado o livro escolhido e lê-lo em casa.

Os(As) funcionários(as) que trabalham na biblioteca e atuam diretamente junto ao público influenciam a relação que o(a) usuário(a) tem com esse espaço porque sua mediação pode colocá-lo(a) mais à vontade, facilitar sua entrada e permanência assim como afastá-lo(a). Para Sandoz (2010): “*Le fonctionnement actuel des bibliothèques laisse, la plupart du temps, l’usager dans une position de dominé et de client*”⁶ (p. 54). Contudo, essa imagem da biblioteca pode mudar quando os(as) bibliotecários(as) se relacionam melhor com os(as) usuários(as) e com eles(as) interagem nas atividades rotineiras de um(a) bibliotecário(a), como sinalizar a localização de um livro, indicar o lugar disponível para leitura, situar o(a) novo(a) leitor(a) no espaço; enfim, mostrar-se convidativo, acolhedor.

Neitzel, Ferri e Borba (2018) sinalizam que “a ressonância de uma imagem também pode repercutir pela mediação realizada pelo bibliotecário ou funcionário” (p. 8), isso porque suas ações mediadoras podem provocar encontros com as obras e com os seus pares, por meio da interação. Uriarte, Neitzel, Carvalho e Kupiec (2016) discutem os conceitos de mediador(a) explicador(a) e emancipador(a) tendo em vista a obra de Rancière (2013). O(A) mediador(a) emancipador(a) é aquele(a) que evoca posturas mais propositivas e menos diretivas, menos informacionais e transmissoras e mais estimulantes, propondo um espaço de interação e de manifestação.

Os(As) profissionais da Biblioteca *Sainte-Geneviève* encontram-se localizados(as) em espaços fixos, centralizados para ajudar na busca e no acesso aos livros e demais documentos a serem pesquisados. Os(As) funcionários(as) empenham-se para que o(a) usuário(a) acesse ao acervo e usufrua de um lugar de silêncio para a leitura individual e solitária, já que o livro é o principal objeto propositor dessa

⁶ O funcionamento atual das bibliotecas deixa, na maioria das vezes, o usuário em uma posição de dominado e de cliente (Sandoz, 2010, p. 54).

biblioteca. Suas atividades tendem a informar, viabilizar espaços de leitura, ampliar o acervo, manter o silêncio e executar os trabalhos destinados à conservação, aproximando-se mais da concepção de explicadores(as). Em contato com o público, eles(as) medeiam, e sua forma de recebê-lo, de colocar-se entre o livro e o(a) usuário(a), é sempre provocador de sensações e de imagens as quais podem ser geradoras de experiências ou não, pois depende se elas ressoam e repercutem em nós, afinal: “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (Bachelard, 1993, p. 19).

A Biblioteca Pública de Informação do Centro *Pompidou*

Localizada no Centro *Pompidou*, na área de *Beauborg*, no 4º *arrondissement* de Paris, França, próximo a *Les Halles*, a Biblioteca Pública de Informação (*Bpi*) está situada em um centro cultural e caracteriza-se como espaço aberto, propositivo para experiências, pois em seu interior vários espaços culturais entrelaçam-se. A *Bpi* ocupa três níveis dos seis que o Centro *Pompidou* tem para produzir, difundir e mediar arte e cultura, onde é possível acessar: museus, cinemas, restaurantes, cafés, teatros, biblioteca, exposições, livraria, auditórios para eventos como palestras, seminários, entre outros.

Esse Centro é um espaço de intercâmbio social e cultural e destaca-se pela arquitetura contemporânea e pelo contexto em que se encontra. Situado em uma praça, o Centro *Pompidou* configura-se como espaço de encontro, trânsito, parada, um centro que convida a viver ações culturais diversas. A praça é local de trocas sociais, mas também econômicas, pois é um espaço de compra e de venda de mercadorias, o qual agrega pessoas de várias nacionalidades que desejam fruir do espaço, mas também aqueles que produzem as mais diversas artes. A fachada do Centro *Pompidou* não dialoga com a arquitetura dos arredores, ao contrário, se destaca pelas “suas formas massudas com as tubulações coloridas expostas como vísceras de um monstro pelo avesso” (Milanesi, 2003, p. 53). Sua estrutura aparente, com pisos flutuantes conectados por escadas rolantes e elevadores, contrasta com as paisagens urbanas antigas dos arredores.

O acesso à *Bpi* dá-se pela rua *Rambouteau*, no lado oposto ao pátio da porta principal do Centro *Pompidou*. Ali, há uma movimentação intensa, uma vez que ela é aberta a todos os públicos e não exige que o(a) usuário(a) faça uma carteirinha para usufruir de seus serviços. As filas indicam que, quando a biblioteca está aberta como um centro cultural, há público, e elas nos convidam a refletir se não há a necessidade de as bibliotecas se remodelarem, se reinventarem para que seus serviços sejam mais explorados pelo público como acontece na *Bpi*.

O espaço interior possibilita ao(à) usuário(a) transitar livremente e fazer o percurso que desejar. São passagens que sugerem mobilidade e autonomia na circulação entre todos os níveis; um espaço híbrido, pois fora e dentro da biblioteca há atividades diversas que acontecem simultaneamente para um público também diverso. Para Manguel (2006), “uma biblioteca não é apenas um lugar de caos e ordem: ela é também o reino do acaso” (p. 139), um lugar que permite não apenas aos livros mobilidade própria, mas também aos(às) usuários(as).

Uma mobilidade que percebemos também pelas ações culturais propostas, como as que acontecem no nível dois do local, ações de autoformação que oportunizam não só que o(a) usuário(a) participe de cursos *online*, mas também tenha acesso a “discos, vídeo, telas, esculturas, objetos, a paisagem externa, [...] um todo complexo que se inter-relacionam” (Milanesi, 2003, p. 54). Uma biblioteca enciclopédica e multidimensional configura-se pelos entrecruzamentos, seja de acervo, de informação, de trocas e de interações, que permite apontar para a concepção de uma biblioteca como espaço de trânsito e de experiência. No nível dois, o(a) usuário(a) tem a possibilidade de assistir a programas nas televisões com canais de várias partes do mundo e usufruir de espaços para a convivência e para a leitura dinâmica e silenciosa, seja nas mesas de estudo, seja nas poltronas, nos pufes, e até no chão.

Identificamos a *Bpi* como o modelo ideal de biblioteca citada por Manguel (2006), que “proporcionasse aos leitores a necessária liberdade de movimentos e ao mesmo tempo conferisse a esse espaço de trabalho as melhores virtudes” (p. 122), de forma a oferecer espaço para conforto e eficiência, vastidão e intimidade, ócio e trabalho. Eco (2016) convida-nos a pensar que a biblioteca se fundou sob um mal-entendido: ir à biblioteca significava pesquisar um livro com o título conhecido.

C'est vrai que cela arrive souvent mais la fonction essentielle de la bibliothèque, de la mienne et de celle des amis à qui je rends visite, c'est de découvrir des livres dont on ne soupçonnait pas l'existence et dont on découvre qu'ils sont pour nous de la plus grande importance⁷ (Eco, 2016, p. 27).

Essa concepção respaldada na ideia da salvaguarda criou uma atmosfera proibitiva e menos hospitaleira para as bibliotecas, afastando-as da vida contemporânea. A *Bpi* dilui essa imagem, pois o livro pode ser procurado pelos(as) leitores(as) nas estantes, ou encontrados sobre as mesas, alimentando o desejo da descoberta dos livros que ainda estão por se abrir.

Seu espaço interior é provocador e flexível, permite trocas entre os(as) usuários(as) e múltiplas atividades, entre elas: percorrer as estantes de livros, participar de atividades de conversação em língua francesa para estrangeiros, de ações de autoformação. Entre uma leitura e outra, entre uma interação e outra, é possível ir à cafeteria, um espaço convidativo e amplo para encontros. Usuários(as) medeiam e são mediados(as), tomam café, falam ao telefone e conversam animadamente, abrindo espaços de encontros, quiçá de experiências. Petit (2008) ao trazer os relatos de jovens colombianos sobre o uso da biblioteca lembra que “a primeira função da biblioteca é a de ser um local de trocas” (p. 180). Como a *Bpi* está situada em um centro cultural, ela convida o(a) usuário(a) a interagir com os pares fora do seu interior, em exposições, conferências, debates, dias de estudo, exibições de filmes/documentários ou animação, ateliês no Centro *Pompidou*.

Failla (2015), ao abordar a biblioteca pelo viés arquitetônico, afirma que a composição da *Bpi* avançou na organização do espaço, na criação de seções pouco exploradas, amplificando sua vocação cultural. Ela conta com um *status* flexível graças ao espaço aberto e gratuito, da estrutura e dos pisos flutuantes totalmente ligados por escadas rolantes e elevadores. Esse espaço de ligação constitui-se de livre mobilidade para o(a) usuário(a), o qual, muitas vezes, é também espaço de troca entre os pares, uma biblioteca sem portas, cuja única barreira física são as escadas, as rampas, os elevadores

⁷ É verdade que isso acontece com frequência, mas a função essencial da biblioteca, minha e dos amigos que visito, é descobrir livros que não sabíamos que existiam e dos quais descobrimos que são da maior importância para nós (Eco, 2016, p. 27).

que agem como conectores de espaços e de usuários(as). Para Manguel (2006), a relação que mantemos com os livros é alterada pelo espaço, pois ele interfere na “atmosfera mental que criamos no ato da leitura” (p. 116); o espaço afeta-nos, a distância que nos mantemos das estantes (podendo ou não percorrê-las) nos permite mais ou menos intimidade, nos alimenta, ou não, com hábitos de leitura.

A presença de profissionais em mesas, balcões ou ilhas de informação dispostas ao longo do andar para auxiliar os serviços e facilitar o acesso ao acervo colabora para que a biblioteca seja percebida como lugar de passagem, de trânsito; espaços intersticiais entre duas ou mais atividades. Para uma biblioteca híbrida, que acolhe um público tão diverso, que também é o lugar do acaso como a *Bpi*, o(a) mediador(a) não pode restringir-se a cuidar do silêncio, do acervo para que ele não seja depredado, ou das instruções de pesquisa e do registro de saída de livros, mas “emprestar sua voz para que entendam aquela que o livro carrega” (Petit, 2009, p. 59).

A relação que o(a) leitor(a) estabelece com a biblioteca é marcada também pelos(as) mediadores(as), e suas ações, quando articuladas com o propósito de mediar, de atender às necessidades do público, qualifica o espaço. Observamos que muitos(as) bibliotecários(as) da *Bpi* conseguem construir uma imagem diferente daquela de antigo conservador de livros, e retiram os livros do pedestal, de modo que a biblioteca seja como deseja um(a) jovem: “A biblioteca ideal? É aquela em que a pessoa entra, procura alguma coisa, um livro, e logo descobre outro” (Petit, 2008, p. 174). São mediadores(as) que muitas vezes nos convidam a escutar as vozes dos livros como no caso da personagem Crispino, de Calvino (2010), trazida no início deste artigo.

Ao adentrarmos a *Bpi*, constatamos que uma biblioteca se fortalece quando se encontra em um centro cultural pelas diversas possibilidades de mediação cultural que ele propõe, seja por meio de exposições, de espaços e de objetos propositores, seja por meio de profissionais que estabelecem uma relação com o(a) usuário(a) capaz de disparar diálogos. Situada dentro de um centro cultural, a *Bpi* mantém-se em conexão com outros espaços artísticos, que, por intermédio deles, cria tentáculos e se desdobra culturalmente, torna-se objeto de desejo e tende a atrair o(a) usuário(a) para experiências outras.

Considerações finais

Esta pesquisa sobre bibliotecas francesas apresentou-se para nós como uma possibilidade de ampliarmos nosso olhar para esse objeto que vínhamos pesquisando há alguns anos, no Brasil, não ignorando, evidentemente, que os contextos são diferentes. Apesar de, neste artigo, apresentarmos os resultados de nossos registros feitos em apenas duas bibliotecas, durante quatro meses nos ocupamos em habitar várias delas, para identificarmos diferenças nas suas características, tendo em vista o seu contexto e sua missão.

Nosso caminhar pelas duas bibliotecas aqui narradas sinaliza que várias são as ações que podem promover a mediação cultural e que ela pode ocorrer não só pelas mãos do(a) bibliotecário(a), mas também pelas ações culturais e pelos objetos e espaços propositores. Identificamos que as bibliotecas inseridas em centros culturais ou que foram planejadas para serem centros culturais, por serem espaços integrados e conectados, cuja composição oferece diferentes atividades culturais e artísticas, são mais possibilitadoras de experiências. Observamos que elas estão mobilizadas em ampliar a capacidade de oferta de material de pesquisa por meio de bancos de dados digitais.

Percebemos que, quando o acesso aos livros é limitado, a biblioteca torna-se um espaço menos fluído, acolhedor, dinâmico e aberto, em que o(a) usuário(a) tem menos autonomia e mobilidade. Com relação aos(as) bibliotecários(as), sinalizamos sua potência cultural quando eles(as) estão abertos(as) para estabelecerem uma relação de diálogo com o(a) usuário(a), quando suas ações de acolhimento revelam uma postura propositiva cotidianamente e não apenas em ações culturais episódicas. Esses são fatores que impactam na imagem que construímos das bibliotecas e podem repercutir na relação que estabelecemos com elas.

Ficou evidente que uma biblioteca que oferta atividades de autoformação e/ou artísticas e culturais em seus espaços torna-se espaço de movimento do(a) usuário(a), e, por esse viés, ele/a pode vir a habitar o espaço das bibliotecas. Entendemos que a biblioteca é e sempre será lugar de leitura e que sua função de conservação e de preservação necessita ser mantida. Contudo, ela pode, também, ampliar suas funções, ofertar espaços outros que deem lugar a trocas, a encontros, a lugares de passagem, de

chegada, de acontecimentos, de interação, de trocas, de afetos e de sentidos. Dessa forma, o(a) usuário(a) pode construir uma imagem positiva da biblioteca, introduzindo-a em seu cotidiano, desejando-a e passando a explorá-la, tornando-a um espaço habitável, uma imagem que ressoa e repercute.

Referências

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.
- Borba, A. N. de. (2016). *Mediação cultural em bibliotecas* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí.
- Cabrera Fagundo, A. M. (2015). Bibliotecas digitales: un breve estudio bibliométrico. *Cuban Journal of Information on Health Sciences*, 26(4), 362-380. Recuperado em 4 de maio de 2021 de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=377645763005>
- Calvino, I. (2010). *Um general na biblioteca*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Coelho Neto, J. T. (1997). *A construção de sentido na arquitetura*. São Paulo: Perspectiva.
- Dias, B. (2013). A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In B. Dias, & R. L. Irwin (Eds.), *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia* (p. 21-26). Santa Maria: UFSM.
- Eco, U. (2016). *De bibliotheca*. Paris: L'Échoppe.
- Failla, L. (2015). *Le devenir de la bibliothèque publique et le rôle de l'architecture: stratégies de conception pour le XXIe siècle*. (Tese de Doutorado). Université Paris-Est, Paris, França.
- Fushimi, M., Pené, M., Unzurrunzaga, C., & Sanllorenti, A. M. (2020). Dilemas en el quehacer de las bibliotecas universitarias argentinas en torno al acceso y difusión de la literatura científica. *Información, cultura y sociedad*, 43, 177-189. <https://doi.org/10.34096/ics.i43.8109>
- Gomes, H. F. (2020). Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. *Informação & Sociedade*, 30(4), 1-23.
- Hasper, F., & Neitzel, A. de A. (2020). O espaço da bebeteca nos centros de educação infantil: modos de ver e sentir a literatura. In M. Z. Uriarte, A. de A. Neitzel, & I. P. Krames (Eds.), *Cultura, Escola e Educação Criadora: Mediações Culturais e Proposições estéticas* (p. 69-92). Curitiba: CRV.
- Heidegger, M. (2003). *A caminho da linguagem*. Rio de Janeiro: Vozes; Editora Universitária São Francisco.

- Hernández, F. H. (2013). A pesquisa baseada nas artes: propostas para repensar a pesquisa educativa. In Dias, B., & Irwin, R. (Orgs.), *Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia* (p. 39-62). Santa Maria: UFSM.
- Irwin, R. (2013). *A/r/tografia*. Santa Maria: UFSM.
- Kupiec, A., Neitzel, A. de A., & Carvalho, C. (2016). A mediação cultural e o processo de humanização do homem. In A. de A. Neitzel, & C. Carvalho (Eds.), *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética* (p. 23-36). Curitiba: CRV.
- Manguel, A. (2006). *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Medeiros, D., & Lucas, E. R. de O. (2016). As bibliotecas nacionais latino americanas e o capital social. *Perspectiva em Ciência da Informação*, 21(4), 202-224. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/2754>
- Milanesi, L. (2003). *A casa da invenção*. Cotia: Ateliê Editorial.
- Neitzel, A. de A., Carvalho, C., Borba, A. N. de, Martins, E. C. da S., & Silva, J. da C. (2016). E as bibliotecas... serão elas espaços de mediação cultural? In Neitzel, A. de A., & Carvalho, C. (Orgs.), *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética* (p. 51-74), Curitiba: CRV.
- Neitzel, A. de A., Ferri, C., & Borba, A. N. de B. (2018). A biblioteca como espaço de mediação cultural e de educação estética. *Arquivos analíticos de políticas educativas*, 26(20), 11-32. <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.2966>
- Nunes, M. S. C., & Santos, F. de O. (2020). Mediação da leitura na biblioteca escolar: práticas e fazeres na formação de leitores. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 25(2), 3-28.
- Petit, M. (2009). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: 34.
- Petit, M. (2008). *Jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: 34.
- Rancière, J. (2013). *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Roubaud, J. (2012). *Lire, écrire ou comment je suis devenu collectionneur de bibliothèques*. Villeurbanne: Presses de l'enssib.
- Sandoz, D. (2010). *Repenser la médiation culturelle em bibliothèque publique: participation et quotidienneté* (Mémoire de Diplôme de conservateur de bibliothèque). École Nationale Supérieure des Sciences de L'information et des bibliothèques, Lyon, França.
- Silva, A. G. da, & Olinto, G. (2015). Tecnologias da informação e comunicação, competência informacional e inclusão social na biblioteca pública: um estudo na Biblioteca Parque de Manguinhos. *Revista Interamericana de Bibliotecología* 38(3), 201-212.
- Tanus, G. F. de S. C., & Sánchez-Tarragó, N. (2020). Atuação e desafios das bibliotecas universitárias brasileiras durante a pandemia de COVID-19. *Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud*, 31(3), 1-35.

Uriarte, M. Z., Neitzel A. de A., Carvalho, C., & Kupiec, A. (2016). Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In A. de A. Neitzel, & C. Carvalho (Eds.), *Mediação cultural, formação de leitores e educação estética* (p. 37-52). Curitiba: CRV.

Recebido: 28/03/2021

Aceito: 15/05/2021

Publicado: 08/09/2022

NOTA:

As autoras foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.